

A NOVA (DES)ORDEM MUNDIAL¹

Pedro de Almeida Vasconcelos ²

A ordem mundial anterior (1945)

O mundo resultante da Segunda Guerra Mundial foi estruturado, politicamente, em conformidade com os acordos de Yalta, assinados em 1945 por Roosevelt, Stalin e Churchill.

As duas principais potências vitoriosas, os Estados Unidos e a União Soviética, reorganizaram, o mundo em duas esferas de influência, ficando a Europa e Ásia divididas por uma "Cortina de Ferro", que separava também estados nacionais como a Alemanha e a Coreia. Formava-se assim um "mundo bipolar".

A Europa ficou dividida, portanto, em Europa Ocidental, que iria receber a ajuda americana para sua recuperação, através do Plano Marshall (1947), e a Europa do Leste, onde foram estabelecidos regimes socialistas, com a implantação de indústrias pesadas e de reformas agrárias.

A América Latina e a África eram consideradas, na época, como partes integrantes do "Mundo Ocidental".

Também data deste período, o início da era nuclear, com a destruição de Hiroshima (1945), sendo os americanos seguidos pelos soviéticos em 1949, tornando-se os Estados Unidos e a União Soviética as duas únicas superpotências mundiais.

Organismos coletivos foram estabelecidos, como a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, e suas subsidiárias como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e Banco Mundial, resultantes da Conferência de Bretton Woods em 1944, que tornou o dólar moeda de reserva internacional.

O Ocidente estrutura-se militarmente em torno da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), em 1949, e o Leste organiza-se no COMECON (Conselho para a Assistência Econômica Mútua) em 1949, e no Pacto de Varsóvia (1956), braço militar do Leste.

Evolução da ordem mundial anterior

O ocidente na "defensiva"

O pós-guerra é um período de descolonização, devido em parte, ao enfraquecimento dos estados europeus, destacando-se a independência da Índia e do Paquistão em 1947; a de

¹ Publicado no Cadernos de Geociências / Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia – Vol.1, nº4 (nov. 1993)

² Professor Titular, Departamento de Geografia/Instituto de Geociências e Professor Permanente, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.

Gana, em 1957, primeira independência na África Negra; e a da Argélia, onde após guerra de libertação (1954/1962), a população europeia abandona o país.

Começa a ser formado, então, um "Terceiro-Mundo", que se organiza politicamente num movimento de Não-Alinhados, em 1955, a partir da Conferência realizada em Bandung, na Indonésia.

Sob a liderança americana, entretanto, são criadas organizações regionais, visando contrapor o crescimento comunista no "Terceiro Mundo" em formação. Como exemplo temos:

- a OEA - Organização dos Estados Americanos (1948);
- o ANZUS - Pacto do Pacífico (1951);
- a ASEAN - Associação de Nações do Sudeste Asiático (1967);
- e mais recentemente,
- o Conselho de Cooperação Regional dos Países do Golfo (1981).

Foram estruturadas, também, outras organizações regionais, de caráter político, porém mais independentes:

- a Liga Árabe (1945);
- a O.U.A. - Organização de Unidade Africana (1963).

Outras organizações deste período tinham cunho mais econômico:

- o MCE - Mercado Comum Europeu (1957), desde 1965 denominado Comunidade Europeia - CE;
- o Mercado Comum Centro Americano (1960);
- a ALALC - Associação Latino-Americana de Livre Comércio (1960), transformada em ALADI (Associação Latino Americana de Integração), em 1980
- o Pacto Andino (1969).

A crise do petróleo, em 1973, reforça o papel da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), criada em 1960, a partir do uso do petróleo como arma política. Esta organização não é baseada numa continuidade territorial, e conta com estados de orientações políticas variadas.

Este mundo bipolar complicou-se ainda mais com a vitória da revolução islâmica no Irã (1979), que não se enquadrava em nenhum dos dois blocos hegemônicos, e que abria a possibilidade de implantação de novos regimes de bases fundamentalistas.

O mundo socialista em expansão

Durante 30 anos, serão criados novos estados socialistas. Esta expansão não foi ainda maior devido às contraofensivas ocidentais como, por exemplo, na Grécia (1949), no Irã (1951), na Guatemala e nas Filipinas (1954).

Em 1949, o exército comunista chinês conquista o poder, após longa guerra, ampliando em muito o peso do bloco socialista, ao tempo em que as tropas expulsas do continente estabelecem uma "China Nacionalista", na ilha de Taiwan (Formosa).

Um resultado indireto da revolução chinesa foi a guerra da Coreia (1950-1953), um dos maiores conflitos entre os dois blocos. Essa guerra gerou condições para o reerguimento japonês, através da demanda de materiais e produtos locais.

Os norte-vietnamitas, que lutavam desde 1945 pela independência, vencem as forças coloniais francesas em 1954 (Dien Bien Phu), luta que continuará contra as tropas do Vietnã do Sul, e, posteriormente, contra os norte-americanos.

Tropas de Israel, estado criado em 1948, juntamente com tropas do Reino Unido e da França, invadem o Egito, após a nacionalização do Canal de Suez em 1956. São obrigadas à se retirar devido à ameaça soviética. Com esta ação, aumenta a influência da URSS no Oriente Médio e no conjunto do "Terceiro Mundo".

A revolução cubana é vitoriosa em 1959, mas leva, por reação, à implantação de ditaduras militares em toda a América Latina. Grave crise ocorre em 1961, com a instalação de mísseis nucleares soviéticos na ilha.

O Congo torna-se o primeiro estado socialista na África em 1970, a partir de golpe militar.

No Oriente Médio, os árabes recebem apoio soviético mais efetivo na guerra de 1973 contra Israel.

O Vietnã é unificado em 1975, através de vitória militar sobre as forças pró-ocidentais, dois anos após a retirada das tropas americanas, e os vizinhos Laos e Camboja tornam-se também estados socialistas.

As antigas colônias portuguesas da África, após longa guerra de libertação, tornam-se repúblicas populares: a Guiné Bissau em 1974, Cabo Verde, Angola e Moçambique em 1975. Tropas cubanas ajudaram a consolidação dos novos regimes ameaçados por guerrilhas pró-ocidentais, apoiadas pela África do Sul. Em 1975, o regime militar do Benin torna-se socialista, seguido em 1977, pelo governo da Etiópia, que se declara marxista após a realização de plebiscito.

Os Sandinistas são vitoriosos na Nicarágua em 1979, através da luta popular, tornando-se o segundo estado de tendência esquerdista na América Latina.

Finalmente, o regime do Afeganistão entra em crise, e tropas soviéticas intervêm (1979/1989). Forças islâmicas e pró-ocidentais colocam em xeque um regime pró-comunista, causando a primeira intervenção militar direta soviética no Terceiro Mundo.

Por outro lado, sinais de insatisfação vinham ocorrendo também dentro do próprio bloco socialista europeu:

- o levante húngaro em 1956, reprimido por tropas soviéticas;
- a "Primavera de Praga" em 1968, cujas reformas são impedidas pela invasão das tropas do Pacto de Varsóvia;
- Greves e criação do sindicato Solidariedade na Polónia, em 1980.

Adicione-se a ruptura sino-soviética em 1963, que divide o "Bloco Socialista em duas lideranças, agravada ainda mais pela Revolução Cultural chinesa (1966-1976).

A ruptura da ordem anterior (1989/1992)

Segundo Gorbachev, a economia soviética tinha entrado num período de estagnação desde a metade dos anos 70, daí a proposição de reformas económicas (*Perestroika*) e políticas (*Glasnost*), assim como a iniciativa na redução da corrida armamentista com os Estados Unidos.

Essas ideias reformistas encorajaram as multidões a se manifestar, na Europa do Leste, conscientes das diferenças de padrão de vida da Europa Ocidental e das liberdades limitadas: ocorrem grandes manifestações de rua, embaixadas ocidentais são invadidas, ao tempo em que reformas urgentes são concedidas pelos regimes.

Os eventos desencadeiam-se com grande velocidade na Europa de Leste:

- 08/1989, o primeiro-ministro de Solidariedade toma posse na Polónia, num contexto de grave crise económica;
- 09/1989: a Hungria abre suas fronteiras: fuga em massa de alemães do leste em direção à Alemanha Ocidental;
- 11/1989: queda do muro de Berlim: marco do início da reunificação alemã;
- 12/1989: cai o regime de Ceausescu, na Romênia, após sangrenta guerra civil e assassinato do casal dirigente;
- 03/1990: vitória do Fórum Democrático na Hungria
- 11/1990: Havel é eleito na Tchecoslováquia após a "Revolução de Veludo.

Com a queda dos regimes do leste europeu, são dissolvidos a COMECOM (06/1991) e o Pacto de Varsóvia (07/1991).

Em 08/1991, após tentativa de golpe conservador, abortada na URSS, começa e desmembramento das repúblicas soviéticas: nesse mês, as repúblicas bálticas (Estônia e Letônia) proclamam as suas independências (a Lituânia já tinha proclamado em 03/1990), seguidas pelas repúblicas eslavas (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia), pela Moldávia, pelas repúblicas do Cáucaso (Geórgia, Armênia e Azerbaidjão), e pelas repúblicas da Ásia Central (Cazaquistão, Turcomênia, Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguízia).

Com o desmembramento das 15 repúblicas, acaba portanto, a União Soviética, e é criada a Comunidade de Estados Independentes CEI, em 12/1991, que constitui uma frágil aliança em substituição ao antigo estado monolítico.

A Iugoslávia sofre processo semelhante, porém mais sangrento:

- em 06/1991: as afluentes repúblicas da Eslovênia e da Croácia declaram suas independências, o que é seguido por guerra civil;
- em 09/1991: a Macedônia também declara sua independência, mas não consegue reconhecimento internacional, tendo em vista a oposição da Grécia;
- A Bósnia, onde não há uma etnia dominante (Muçulmanos, Sérvios e Croatas), declara sua independência em 03/1992, o que resulta numa guerra mais violenta ainda, envolvendo milícias étnicas, apoiadas pelas repúblicas vizinhas;
- A Sérvia e o Montenegro, em 04/1992, formam a República Federal da Iugoslávia, conservando as províncias de Kosovo e Voivodina, que contam com importantes minorias étnicas (albaneses e húngaros, respectivamente).

Em paralelo, partido de oposição ganha eleições sobre os comunistas na Bulgária, em 10/1991, e o último regime socialista da Europa, o da Albânia, é derrotado nas eleições de 04/1992, após a crise que resultou nas invasões de embaixadas e nas tentativas de êxodo para a Itália, em 1990 e 1991.

Como consequência, com a crise do socialismo, com o final da Guerra Fria e o fim da ajuda soviética, caem vários regimes socialistas do Terceiro Mundo:

- Na América Latina, a oposição vence as eleições na Nicarágua, em 02/1990;
- Na África, a FRELIMO abandona o Marxismo-Leninismo em 07/1989, e um regime de transição começa em Moçambique; em 02/1991, a oposição ganha as eleições em Cabo Verde; em 03/1991, a oposição ganha as eleições no Benin; em 05/1991, a guerrilha derruba o governo da Etiópia e o sistema de partido único é abandonado em Angola e na Guiné Bissau; e, em 08/1992, a oposição ganha as eleições no Congo.
- Na Ásia, em 07/1991, começa um governo de transição no Camboja, após longa e violenta guerra civil; em 02/1992, fim do regime marxista na Mongólia, mas o ex-PC ganha as eleições; em 04/1992, cai o governo do Afeganistão com a vitória dos grupos guerrilheiros, três anos após a retirada das tropas soviéticas.

É importante lembrar que continuam, ainda como socialistas os regimes da China, do Vietnã, do Laos, da Coreia do Norte e de Cuba, com diferentes graus de reformas internas.

A nova ordem mundial (1993)

A hegemonia americana

O principal resultado da crise do socialismo e do fim da Guerra Fria é a transformação dos Estados Unidos na única superpotência militar do globo, passando de líder ocidental a líder mundial.

Mas sua liderança não é mais econômica: mantém grande déficit comercial (66 bilhões de dólares em 1991), sobretudo com o Japão, e um gigantesco déficit orçamentário (400 bilhões de dólares em 1991), além do agravamento das desigualdades sociais internas. As Nações Unidas assumem um novo papel, tendo o seu Conselho de Segurança sido acionado para várias intervenções militares, sob a liderança norte-americana, como:

- no Iraque (1990/1991): demonstração *high-tech* de força da nova ordem mundial, sob a liderança militar americana, e com o apoio financeiro do Japão, da Alemanha e da Arábia Saudita;
- na Somália (12/1992): um misto de ajuda alimentar e controle militar, com nítidas características neocoloniais;
- na Bósnia (início em 03/1992): tentativa de separação de grupos étnicos em guerra civil.

Essas intervenções são realizadas, apesar do Conselho de Segurança da ONU manter ainda o direito de veto das cinco potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial: os EUA, a Rússia (substituindo a URSS), a China, o Reino Unido e a França, e com evidente atentado às soberanias nacionais.

Novo papel também para o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) contra as barreiras protecionistas, assim como para o FMI e o Banco Mundial, na reestruturação das economias nacionais em crise, sobretudo no Terceiro Mundo e na Europa do Leste. Finalmente, novo papel para a OTAN, organização militar que congrega os estados europeus e o Canadá, sob a liderança norte-americana.

A mundialização da economia

Com a queda da economia socialista planejada, há agora apenas uma só economia mundial, a economia de mercado. Não há, teoricamente, maiores obstáculos para a expansão do capitalismo.

Mas esta mundialização se dá num momento em que o modelo de desenvolvimento capitalista está em crise. O *Fordismo*, ou seja, um regime de acumulação baseado na produção e no consumo de massa, (com grande impacto no desperdício de recursos e no meio ambiente), e apoiado num modo de regulamentação em que o Estado garante o bem-estar da população, via impostos elevados, nos países desenvolvidos, atingiu, portanto, seus limites.

Este modelo está sendo substituído por um sistema de acumulação flexível, baseado na segmentação e fragmentação do processo de produção, permitidos pela disponibilidade de novos meios de comunicação e de armazenamento de informações, e de deslocamento seletivo de produção e num papel mais acentuado das empresas multinacionais, o que resulta numa nova geografia industrial, tendo como exemplo, o desenvolvimento do *Sun Belt* nos Estados Unidos, faixa da Califórnia à Flórida, e a consequente decadência de áreas industriais tradicionais, como o antigo cinturão industrial (*Rust Belt*).

Essas mudanças econômicas estão ocorrendo em paralelo ao avanço da ideologia neoliberal, na qual o desmantelamento do "Estado Previdência" e a privatização das empresas estatais são as principais consequências. Daí o surgimento de novas desigualdades sociais: os novos pobres (*homeless* nos Estados Unidos), o agravamento da pressão migratória na Europa, com o consequente aumento do racismo e o reaparecimento de movimentos neonazistas, e sobretudo, o surgimento de novas áreas críticas:

A) o Leste Europeu e ex-URSS:

- desorganização das economias e queda da produção (-16,8% em 1991);
- desestruturação dos sistemas de serviços sociais;
- rendas per-capitas tornando-se equivalentes àquela de estados do Terceiro Mundo (Romênia = Jamaica; Albânia = Bolívia);
- aparecimento da inflação e do desemprego;
- surgimento de novos ricos e de mendigos;
- deslocamento de migrantes;

B) o "Terceiro-Mundo":

- fim da ajuda dos países socialistas, como por exemplo a construção pelos soviéticos da Barragem do Assuã no Egito e da ferrovia chinesa na Tanzânia);
- fim da possível barganha entre a ajuda de estados socialistas e capitalistas;
- desvio de recursos ocidentais para o Leste Europeu e a ex-URSS;

- ampliação de barreiras protecionistas e de restrições migratórias nos países industrializados;
- continuação da queda dos preços das matérias-primas (exemplo: cacau);
- continuação ou agravamento dos problemas estruturais: crescimento demográfico, pobreza, fome;
- reestruturação dolorosa das economias: mais desemprego e pobreza, porém juntamente com o perdão das dívidas dos estados mais pobres e alguma ajuda internacional.

Ao Brasil, como país industrializado do Terceiro-Mundo, também considerado semiperiférico, adiciona-se a especificidade de ter uma repartição de renda das mais perversas, juntamente com a dívida externa mais elevada do mundo “em desenvolvimento” e uma inflação já estrutural, ao tempo em que o modelo econômico baseado na substituição de importações, na abundância de recursos naturais e na mão-de-obra barata, não funciona mais.

A consolidação e formação de blocos (integração e multipolarização)

Além da tendência para mundialização da economia, há outra tendência que visa a formação de blocos multiestatais, considerando que no atual estágio do capitalismo, os mercados nacionais não são suficientes para responder às necessidades das grandes empresas, daí a formação dos novos blocos internacionais:]

A) A Comunidade Europeia (1957): formada atualmente por 12 Estados (Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França, Itália, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, Dinamarca, Grécia, Espanha e Portugal), cobre uma área de 2,4 milhões de Km², com uma população-mercado de 345 milhões de habitantes em 1991, e com um Produto Interno Bruto total de 6 trilhões de dólares, o que resulta num PIB “per-capita” de 17.404 dólares.

Estes estados, em reunião de Maastricht, de 12/1991, além da abertura das fronteiras para mercadorias, pessoas, serviços e capitais entre os países membros, estabeleceram a implantação da moeda única (E.C.U.) para 1999, e criaram o Instituto Monetário Europeu e um fundo de ajuda aos estados mais pobres da comunidade.

A tentativa de criar um equivalente militar europeu foi bloqueada pelos Estados Unidos, tendo a França e a Alemanha, entretanto, concordado em 05/1992, na formação de um *Euro Corps*.

Novos candidatos a membros da Comunidade vão desde os demais estados europeus ocidentais, como a Suécia e a Áustria, aos do Leste Europeu, e da ex-URSS, e mesmo de estados muçulmanos como a Turquia e estados da África do Norte.

Além do longo processo de mudanças visando uma maior homogeneização entre os estados avançados do Norte e os estados mais atrasados do Mediterrâneo, esta área de prosperidade é cercada também por imigrantes e “refugiados”, originários de ex-estados socialistas e do Terceiro Mundo, candidatos aos melhores rendimentos e condições de vida superiores aos das suas regiões de origem.

B) O NAFTA - Acordo de Livre Comércio da América do Norte: assinado entre os Estados Unidos, Canadá e México, em 08/1992. Cobre uma área de 21 milhões de Km², com uma população de 367 milhões de habitantes, e um PIB total de 6,5 trilhões de dólares, o que resulta num PIB "per-capita" de 17.780 dólares em 1991, ou seja, todos indicadores superiores aos da Comunidade Econômica Europeia.

Este bloco de livre comércio, ainda não consolidado, não prevê a livre mobilidade da mão-de-obra entre os seus componentes, tendo em vista as grandes desigualdades entre os mesmos: enquanto os E.U.A. e o Canadá têm um PIB "per-capita" de mais de 22 mil dólares, o México conta com menos de 3 mil dólares por habitante. Esses desníveis de renda tenderão a ampliar o número de indústrias "maquiladoras" no território mexicano, em busca de baixos salários e fraca proteção social, ao tempo em que a pressão dos migrantes mexicanos continuará em direção à fronteira americana.

C) O MERCOSUL (1991): o novo bloco latino-americano, ainda em fase de consolidação, reunindo o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, além de unir economias menos desenvolvidas e às vezes concorrenciais, é bem mais restrito: sobre um território de 11,8 milhões de Km², conta com uma população de 194 milhões de habitantes, e um PIB total de 492 bilhões de dólares, o que resulta em um PIB per-capita de apenas 2.543 dólares em 1991.

D) A Zona do Pacífico: zona econômica sem contar com organismo institucionalizado, tem o Japão como líder, congregando os dinâmicos "Tigres Asiáticos" (Coreia do Sul, Taiwan, Hong-Kong e Cingapura), as economias em desenvolvimento da Ásia do Sudeste (Macau, Tailândia, Malásia, Indonésia, Brunei, Filipinas e a Austrália e Nova Zelândia. Esta é a área de maior dinamismo econômico mundial. Totalizando 11 estados e duas colônias, num território de 11,5 milhões de Km² conta com uma população de 539 milhões de habitantes, com um PIB total de 4,5 trilhões de dólares e um PIB per capita de 8.413 dólares em 1991.

As tentativas de organização em mercado comum regional, como as realizadas pela Malásia, foram bloqueadas pelos Estados Unidos. As diferenças políticas e culturais são muito grandes para uma ampliação dos elos além dos econômicos.

E) A China: pela sua massa populacional (1,16 bilhão de habitantes), e superfície (9,6 milhões de Km²), pode ser comparada a um bloco multinacional, embora tenda a se vincular ao bloco da Zona do Pacífico.

As mudanças econômicas, a aceitação dos princípios da economia de mercado em 10/1992, o crescimento acelerado (7,3% em 1991) de uma economia que já produz 422 bilhões de dólares (sem contabilizar o grande autoconsumo agrícola), e os investimentos estrangeiros, assim como o estabelecimento de Zonas Econômicas Especiais, são acompanhadas pelo estrito controle político (repressão em 06/1989 na Praça de Tian an Men) e o aparecimento de desigualdades sociais. A incorporação de Hong-Kong em 1997 vai ainda dar maior dinamismo à economia chinesa.

Fragmentação

A formação de blocos, a integração econômica mundial, são contrabalançadas por forças contrárias, de origem sobretudo política e social, e de caráter predominantemente local, que podem ser identificadas preliminarmente, nas formas seguintes:

- a) Criação de novos estados: em 1993, o número de estados independentes já alcançava 189, incluindo mini estados, que seriam considerados inviáveis anteriormente, como as ilhas do Caribe e do Pacífico, tendo algumas características de "Paraísos Fiscais";
- b) Novos desmembramentos de estados: após a desagregação da União Soviética e da Iugoslávia, a Tchecoslováquia separa-se em duas repúblicas; a Eritréia separa-se da Etiópia após longa guerra.
- c) Novas tentativas separatistas: na Rússia (exemplo: Tartarstão), na Geórgia (exemplo: Ossétia do Sul), na Índia (Punjab), na Etiópia (Ogaden), no Sri Lanka (região de população tamil). Esses movimentos são baseados no crescimento do nacionalismo, no agravamento das questões étnicas ou nas especificidades religiosas, e vão juntar-se a movimentos separatistas mais antigos como o de Quebec (Canadá), dos flamengos/valões (Bélgica) e dos bascos (Espanha/França);
- d) Novos conflitos fronteiriços ou territoriais: considerando as fronteiras artificiais estabelecidas, ou a existência de minorias importantes nos novos estados. Exemplos: Armênia /Azerbaijão; Moldávia; Criméia. Estes conflitos adicionam-se a outros antigos não resolvidos, como por exemplo o do Chipre, e o do Marrocos/Saara Ocidental;
- e) Desagregação de estados nacionais: o estado central perde o controle do território para frações, tribos, grupos étnicos ou religiosos. Exemplos: Afeganistão, Líbano, Libéria, Somália;
- f) Áreas sem controle estatal: "enclaves" sob controle, total ou parcial, de grupos guerrilheiros ou de traficantes de drogas e contrabandistas (Exemplos: Etiópia, Colômbia);
- g) Povos sem estados: ciganos, palestinos, curdos, tuaregs;
- h) Novos reordenamentos regionais: como exemplo, a formação de uma Europa Central liderada pela Alemanha reunificada; a disputa entre a Turquia, o Irã e o Paquistão pela liderança das novas repúblicas muçulmanas da Ásia Central;
- i) Movimentos migratórios internacionais infiltrando-se nas áreas prósperas do globo: Estados Unidos, Europa Ocidental, Estados do Golfo, os "Novos Bárbaros" de Rufin;
- j) Ampliação dos movimentos integristas: islâmicos (como na Argélia): hinduístas (na Índia ocidental):
 - 1) Dispersão de armamentos: desde os nucleares, com os novos candidatos ao "Clube Atômico", como a Coreia do Norte; a dispersão da posse dos armamentos devido à desagregação da URSS (Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão); além da ampliação das vendas de armamentos convencionais por estados em crise econômica: aviões russos para a Índia; porta-aviões da Ucrânia para a China; armas da Eslováquia para o Terceiro Mundo.

Conclusões

Diante deste mundo aparentemente caótico, uma tentativa de ordenamento é possível:

- Há uma superpotência militar, os Estados Unidos, o "gendarme" do mundo, e o maior interessado por uma "nova ordem mundial";

- Há o grupo dos sete países mais ricos do mundo, o "Grupo dos Sete", formado pelos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Itália, Alemanha e Japão. Suas lideranças procuram articular as grandes questões econômicas, embora haja divergências políticas entre os mesmos: por exemplo, desacordos entre os governos italiano e americano sobre a intervenção na Somália;
- Há três grandes blocos econômicos concorrenciais, com diferentes graus de integração: CEE, NAFTA e Zona do Pacífico;
- Há sobretudo, agora, dois mundos em confronto, um Norte afluente com apenas 22% da população, e controlando 85% do PIB mundial, ao lado de um Sul em crise, com 78% da população e apenas 15% do PIB mundial.

Essas mudanças mundiais estão causando um impacto no pensamento ocidental, tanto nas ciências humanas como na filosofia:

- obsolescência de grande parte dos estudos produzidos;
- crise no pensamento de "esquerda";
- queda das grandes teorias;
- desenvolvimento de novas filosofias ("Novos Filósofos") e novos temas, como o "Pós-Modernismo".

Essas mudanças tiveram consequências evidentes para a Geografia:

- Na compreensão dos eventos mundiais e da aceleração da História;
- Na importância de seu instrumental analítico, que permite a abordagem de diferentes escalas (do global ao local), além de possibilitar o exame de questões socioeconômicas e ambientais conjuntamente.

Advertência ao leitor

Este texto é o resultado de convite efetuado pelos representantes dos Diretórios Acadêmicos, para que realizasse palestra sobre o tema "A Nova Ordem Mundial", na "Semana dos Calouros", ocorrida no dia 6 de maio de 1993, no Instituto de Geociências.

Embora não seja meu campo de interesse prioritário, estando voltado mais para os estudos e pesquisas nas áreas urbana e histórica, o fato de anualmente oferecer para a Graduação, a disciplina "Geografia Regional II", que trata das grandes regiões do mundo, obriga-me a manter atualizado sobre as questões internacionais.

Por outro lado, a partir dessa palestra, vários convites aconteceram para públicos totalmente diversificados, desde alunos de estabelecimentos universitários do interior do estado, até colegas da área de Medicina. O interesse pelo assunto é muito grande, tendo em vista que estamos vivendo momentos de importância fundamental, que correspondem a uma aceleração da História.

O tratamento dado às questões internacionais pelos meios de comunicação, no Brasil, é pouco aprofundado e fragmentado, (sobretudo nos noticiários da televisão). Mesmo a "Folha de São Paulo", jornal de excelente qualidade, consagra apenas duas ou três páginas da sua gigantesca edição dominical a essas questões.

No exterior, o grau e a intensidade dos debates são outros. Como exemplo temos o *Le Monde Diplomatique*, cujo nível dos autores, tratamento dos assuntos, e qualidade de apresentação, inclusive cartográfica, não tem equivalentes. Mesmo as emissões de rádio em ondas curtas, apesar de apresentarem, em sua maior parte, versões governamentais, informam e debatem as questões com maior profundidade.

Pode parecer, portanto, que os problemas brasileiros são tão graves e gigantescos, que não teríamos capacidade de nos debruçar sobre questões externas, apesar de o Brasil estar cada vez mais integrado no contexto mundial.

Outro problema é a defasagem e a lentidão da produção de textos didáticos, que tornaram obsoletos, de forma abrupta, uma enorme quantidade de livros, sobretudo na Geografia, em função das mudanças radicais ocorridas.

Mas escrever sobre um tema tão abrangente e atual tem seus riscos: é necessário uma grande abstração e capacidade de síntese, o que leva a obrigatória definição de prioridades e a certeza de grandes omissões e lacunas.

A forma de apresentação escolhida, por outro lado, para tentar atingir um público mais amplo, extra-universitário, evitando as frequentes citações, deixa-me em débito com a contribuição dos numerosos colegas que me antecederam nas discussões, e cujos nomes só aparecem como "fontes" no final do texto.

A opção pelas questões políticas e a escolha dos Estados Nacionais e Organismos Multi-estatais como objetos principais de análise, deixam várias questões sem serem debatidas ou pouco aprofundadas, mas que poderão ser cobertas por colegas de outras disciplinas de interesses convergentes, como a História, a Ciência Política, a Economia, entre outras.

Finalmente, este é um dos caminhos possíveis para abordar a questão da "Nova Ordem Mundial". Ela está apenas esboçada. É necessário, entretanto, um acompanhamento quase diário dos acontecimentos. A Academia precisa seguir os eventos, mas necessita também de um certo tempo para amadurecer e aprofundar os assuntos e apresentá-los à Sociedade com um mínimo de coerência, sem perder, entretanto, a perspectiva das questões de longa duração.

Referências

- ASH, Timothy G. 1990. *Nós, o Povo: a Revolução de 1989 em Varsóvia, Budapest, Berlim e Praga*. S. Paulo: Cia. das Letras.
- BECKER, B. K. 1991. "Geografia Política e Gestão do Território no limiar do Século XXI. Uma representação a partir do Brasil." *Rev. Bras. Geog.* 53(3): 169–182.
- BECKER, B. K. & EGLER, C. A. G. 1993. *Brasil. Uma Nova Potência Regional na Economia Mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- BRENER, Jayme. 1991. *Leste Europeu: a Revolução Democrática*. S. Paulo: Atual.
- BUZÚEV, Alexandr. 1991. *La Desigualdad Economica de las Naciones*. Moscú: Progreso.
- EGLER, Claudio A. G. 1991. "As Escalas da Economia. Uma introdução à dimensão territorial da crise." *Rev. Bras. Geog.* 53(3): 229-245.

- GORBACHEV, Mikhail. 1987. *Perestroika*. S. Paulo: Nova Cultural.
- HABERMAS, Jurgen 1992. "A revolução e a necessidade de revisão na esquerda. O que significa socialismo hoje?." In Blackburn (Org.), *Depois da Queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 45-72.
- HAESBAERT, Rogério. 1991. *Blocos Internacionais de Poder*. S. Paulo: Contexto.
- HARVEY, David. 1992. *Condição Pós-Moderna*. S. Paulo: Loyola.
- HOBBSBAWN, Eric J. 1980. "Nacionalismo e Marxismo." In Pinsky J. (Org.), *Questão Nacional e Marxismo*. S. Paulo: Brasiliense pp. 294-323.
- _____ 1991. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ 1992. "Adeus a tudo aquilo." In Blackburn (Org.) *Depois da Queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 93-106.
- _____ 1992. "Renascendo das cinzas." In Blackburn (Org.) *Depois da Queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 255-270.
- JAMESON, Fredric 1992. "Conversas sobre a nova ordem mundial." In Blackburn (Org.), *Depois da Queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 216-234.
- KENNEDY, Paul. 1991. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Rio de Janeiro: Campus.
- _____ 1993. *Preparando para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Campus.
- LIPIETZ, Alain. 1991. *Audácia: uma alternativa para o Século 21*. S. Paulo: Nobel.
- MORIN, Edgar. 1990. *Penser l'Europe*. Paris: Gallimard.
- RUFIN, Jean-Christoph. 1992. *O Império e os Novos Bárbaros*. Rio de Janeiro: Record.
- SANTOS, Milton 1992. "Aceleração contemporânea: Tempo Mundo e Espaço Mundo." Encontro Internacional O Novo Mapa do Mundo. S. Paulo.
- SOJA, Edward. 1992. *Geografia Pós-Moderna: Novo Mapa do Mundo*. Encontro Internacional O Novo Mapa do Mundo. S. Paulo.
- THORSTENSEN, Vera. 1992. *Comunidade Europeia. A Construção de uma Potência Econômica*. S. Paulo: Brasiliense.
- VIZENTINI, Paulo G. F. 1992. "Bases Históricas da Crise Mundial." In Vizentini, P. (Org.), *A Grande Crise*. Petrópolis: Vozes, pp.11-29
- VIZENTINI, P. & RIBEIRO, L. 1992. "A nova (des)ordem internacional." In Vizentini, P. (Org.), *A Grande Crise*. Petrópolis: Vozes, pp.223-236.
- VOGEL, Ezra. 1982. *O Japão como Primeira Potência*. Brasília: EdUnB
- Almanaque Abril 1993. S. Paulo: Ed. Abril, 1992.
- Book of the Year 1993. Chicago, 1993: Encyclopaedia Britannica.
- Book of the Year 1992. Chicago, 1992: Encyclopaedia Britannica.
- Book of the Year 1991. Chicago, 1991: Encyclopaedia Britannica.
- L'Etat du Monde 1993. Paris: La Découverte, 1992.
- L'Etat du Monde 1992. Paris: La Découverte, 1991.
- L'Etat du Monde 1991. Paris: La Découverte, 1990.

L'Etat du Monde 1989-1990. Paris: La Découverte, 1989.

Le Monde Diplomatique, Nos 466/472 (01/1993–07/1993).

Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1992. Rio de Janeiro: F. G. Vargas/Banco Mundial, 1992.

Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1991. Rio de Janeiro F. G. Vargas / Banco Mundial, 1991.